Vencendo a Guerra da Pulga: Lições da Guerra de Guerrilha

Tenente-Coronel Robert M. Cassidy, Exército dos EUA

Analogicamente, a guerrilha trava a guerra da pulga e o seu inimigo militar sofre as desvantagens do cão: é muito grande para ser defendido contra um inimigo tão pequeno, ágil e disperso que se torna difícil combater. Se a guerra continua o tempo suficiente — teoricamente — o cão fica exausto e anêmico, sem ter nunca encontrado nada que pudesse morder nem rasgar com as garras.

Robert Taber[1]

A GUERRA CONTRAGUERRILHA, ou a "guerra contra a pulga", é mais complicada do que as operações contra inimigos que combatem de acordo com o paradigma convencional. Os inimigos da América na Guerra Global Contra o Terrorismo, incluindo os conectados com "a base" (*al-Qaeda*), combatem a guerra contra a pulga no Iraque e no Afeganistão. Empregando o terror para atacar os EUA, em casa e no estrangeiro, eles almejam interferir nos esforços da coalizão usando táticas de guerrilha e atentados à bomba para prolongar a guerra no Iraque e em outras partes, tentando desgastar a vontade e a perseverança do povo americano.

A guerra contra a *al-Qaeda* e seus parceiros pode ser considerada uma contra-insurreição global, na qual os EUA e seus parceiros de coalizão tentam isolar e erradicar a sua base e outros grupos terroristas em rede que procuram por refúgio, apoio e recrutas em áreas sem governo ou fracamente governadas, onde os humilhados e os que nada têm lutam para sobreviver. A preferência militar dos EUA pelo paradigma da grande guerra tem, até agora, impedido o Exército de estudar seriamente as operações de contra-insurreição. Como resultado, o Exército deixou de incorporar muitas lições de operações bem-sucedidas de contra-insurreição. Como combater insurgentes e terroristas continua sendo a missão central das forças armadas dos EUA. Em um futuro previsível, é melhor incorporar antes as lições aprendidas do que tentar aprendê-las durante o combate.

Com a visão apropriada e um conhecimento mais amplo e profundo das lições aprendidas de êxitos anteriores, a guerra contra a pulga pode ser vencida. O Exército tem tido êxito em guerras contraguerrilhas. Porém, a contradição emanando das falhas americanas no Vietnã é que, devido à experiência ser considerada um anátema para a cultura central militar dos EUA, as duras lições lá aprendidas sobre combates contra a guerrilha não foram preservadas nem enraizadas na memória institucional do Exército. Os esforços da cultura militar americana de exorcizar o espectro do Vietnã, simbolizado pelo axioma "Chega de Vietnãs", também impediu o Exército, como instituição, de tirar proveito dessas lições.

O renascimento intelectual do Exército depois do Vietnã tem enfocado quase totalmente sobre o culturalmente preferido e convencional paradigma da grande guerra.[2] A doutrina do Exército encobre o termo "contra-insurreição" sob as inócuas categorias de operações de estabilidade e defesa interna no estrangeiro. Muitas lições existem na experiência histórica militar dos EUA com pequenas guerras, mas as lições do Vietnã são as mais volumosas — e as menos lidas. O fim da Guerra Fria tem tornado improvável que a guerra convencional ou simétrica seja outra vez a regra e o Exército está fazendo esforços sinceros para transformar a sua cultura e a sua forma de pensar. Os líderes civis e militares superiores no Exército e no Gabinete do Secretário da Defesa perceberam que uma mudança na cultura militar era a precondição para abordagens novas no complexo ambiente de segurança, dentro do qual os adversários adotam estratégias e táticas não ortodoxas para minar a superioridade tecnológica americana em uma guerra ortodoxa ou convencional.

A cultura militar é a soma total de crenças e atitudes integradas em uma instituição militar que molda a preferência desta de como e onde a força militar deve ser

usada. As tendências culturais podem bloquear a inovação na forma de travar a guerra que se encontrem além dos papéis centrais ou princípios aceitos. A preferência pelo paradigma da grande guerra tem sido até agora um obstáculo às lições de como combater a guerrilha.[3] O Exército tem que analisar o envolvimento dos EUA e a natureza das pequenas guerras, insurreições e contra-insurreições. Sem algum sentido de continuidade histórica, soldados americanos terão que reaprender as lições da história toda vez que enfrentarem uma nova guerra de pequena escala.[4]

As Guerras contra os Índios e a Derrota da Guerrilha

As guerras contra os índios do século XIX nos provêem algumas lições de contra-insurreição e demonstram que os princípios que orientam o combate contra os insurgentes podem servir para a eternidade. Sem uma doutrina codificada e pouca memória institucional para combater a guerrilha, o Exército do século XIX tinha que se adaptar às táticas dos índios durante o combate. Uma lista adaptada de princípios para combater um inimigo não ortodoxo surgiu das guerras com os índios, incluindo o seguinte:

- assegurar uma coordenação aproximada civil-militar no esforço de pacificação;
- prover firme, mas justo, governo assistencialista; e
- reformar as áreas econômica e educativa.

O bom tratamento de prisioneiros, a atenção às queixas dos índios, e a proibição de matar mulheres e crianças (uma lição aprendida com o tempo por meio de tentativas e erros) eram também vistas como fundamentais a qualquer solução de longo prazo. O mais habilidoso combatente de índios, General George Crook, desenvolveu a tática de inserir pequenas equipes — extraídas de tribos de índios amigos Apache — em grupos de Apaches insurgentes para neutralizar e psicologicamente afetá-los e roubar-lhes a vontade de lutar. Esta técnica surgiu de uma forma ou de outra nas Filipinas, durante a Guerra das Bananas e durante a Guerra do Vietnã.

O livro *U.S. Army Counterinsurgency and Contingency Operations Doctrine 1860-1941* (Doutrina de Operações de Contingência e Contra-Insurreição do Exército dos EUA entre 1860-1941) de Andrew J. Birtle, é um dos melhores sobre o papel do Exército durante as guerras contra os índios e descreve o trabalho do Capitão Randolph B. Marcy, *The Prairie Traveler: A Handbook for Overland Expeditions* (O Viajante das Planícies: Um Guia para Expedições por Terra) como "talvez o trabalho mais importante da conduta das expedições da fronteira americana publicado com a aprovação do Departamento de Guerra (*War Department*)".[5] Essencialmente, o livro de Marcy era um manual de como empacotar, viajar, rastrear e acampar nas planícies e um guia de como combater os índios. Ao formular os princípios para a pacificação, Marcy contava com as suas próprias experiências na fronteira, assim como com as experiências dos turcos e franceses na pacificação do Norte da África. Ele chegou às seguintes conclusões:

- a demasiada dispersão diminui a iniciativa da força de contra-insurreição, aumentando a sua vulnerabilidade e enfraquecendo o seu moral;
- a mobilidade é imperativa. (Montar a infantaria sobre mulas era um meio de aumentar a mobilidade nessa época); e
- a surpresa é de suma importância. O emprego de forças montadas móveis à noite para surpreender o inimigo de madrugada era o melhor meio de combater os evasivos índios. O *Prairie Traveler* revela uma mensagem em particular que ainda é relevante: os soldados devem possuir a autoconfiança, a capacidade de combater isoladamente e a rápida mobilidade do insurgente, junto à disciplina militar convencional.[6]

Quando a maioria dos americanos reflete sobre o Vietnã, provavelmente lembra do General William C. Westmoreland, da americanização da guerra, das missões de grande escala de busca e destruição e das batalhas de atrito. Houve, porém, outra guerra, uma de contra-insurreição e pacificação, na qual muitas Forças Especiais, fuzileiros navais e outros conselheiros empregaram métodos de guerras de pequena escala com certo grau de sucesso.

A Insurreição nas Filipinas

Durante a Insurreição nas ilhas Filipinas de 1899 a 1902, as forças armadas dos EUA foram vitoriosas e estabeleceram o fundamento para um futuro amigável entre os EUA e as Filipinas. O estudioso da guerra de guerrilha, Anthony James Joes observou que "Não havia jatos barulhentos bombardeando vilarejos indefesos acidentalmente, nem aviões *B-52*, napalm, barragens de artilharia nem danos colaterais. Ao invés disso, os americanos conduziram uma guerra descentralizada de pequenas unidades móveis armadas principalmente com fuzis e apoiados por filipinos nativos, caçando guerrilheiros que se encontravam cada vez mais isolados pela indiferença ou pela hostilidade da maioria da população e pela concentração de grupos de campesinos espalhados em assentamentos maiores."[7]

Os militares dos EUA aprenderam a:

- evitar missões de busca e destruição com grandes unidades porque eram contraproducentes em um contexto de contra-insurreição;

• maximizar o uso de exploradores locais e forças paramilitares para aumentar e sustentar o patrulhamento descentralizado; e

• mobilizar o apoio popular enfocando no aprimoramento de hospitais, escolas e infra-estrutura.

Os EUA acentuaram a legitimidade do regime filipino que apoiavam ao permitir que ex-insurgentes organizassem partidos políticos contra o regime. Em um estudo premiado, Max Boot relaciona o sucesso americano nas Filipinas com a aplicação cuidadosa de incentivos e dissuasões: os americanos empregaram um patrulhamento agressivo e usaram da força para perseguir e acabar com os insurgentes, mas trataram bem os rebeldes capturados e criaram uma boa vontade entre a população, administrando escolas e hospitais e melhorando o saneamento.[8]

De 1966 a 1967, os comandantes de campanha dos EUA aumentaram o emprego de unidades lideradas por Forças Especiais em missões de reconhecimento de longa distância ou como elementos de segurança de economia da força para unidades regulares. Outras forças do tipo das CIDG, chamadas forças de guerrilha móveis, atacavam áreas de bases inimigas e empregavam táticas de golpe-de-mão da guerrilha contra unidades inimigas regulares.

O General-de-Brigada John J. Pershing voltou às Filipinas para servir de governador militar da província Moura de 1909 a 1913. Para pacificar os mouros, ele aplicou as lições que havia aprendido como capitão durante a insurreição filipina. Estabeleceu uma polícia filipina de tropas locais leais e não tentou aplicar a força militar por si própria. Ele "sentiu que um entendimento dos costumes e hábitos dos Mouros era essencial para lidar com eles com sucesso e fez o que pode para compreender a sociedade e cultura dos mesmos".[9]

Pershing entendeu a necessidade de ter forças estadunidenses envolvidas no nível mais básico. Ele compreendeu os aspectos sócio-políticos e percebeu que os objetivos militares às vezes têm que se subordinar a eles. Boot disse: "Ele espalhou pequenos destacamentos de soldados por todo o interior para garantir a existência pacífica dessas tribos que queriam plantar cânhamo, serrar lenha ou se tornarem fazendeiros."[10] Durante a sua primeira missão nas Filipinas como capitão, Pershing foi permitido entrar no Reino Proibido e os mouros o fizeram um Mouro *Datu* (Príncipe), uma honra que não foi dada a nenhum outro homem branco.[11]

América Latina e o Caribe

Embora o Exército tenha tido que reaprender como combater cada nova insurreição, o Corpo de Fuzileiros Navais guardou as suas experiências com a guerra de guerrilha, resumindo-as em seu *Small Wars Manual* (Manual de Pequenas Guerras) de 1940.[12] As lições que os fuzileiros navais aprenderam liderando as patrulhas da Guarda Nacional da Nicarágua contra a guerrilha de Augusto "Cesar" Sandino podem muito bem ter servido como fundamento de suas operações de contra-insurreição no Vietnã.

De suas experiências no Haiti, na República Dominicana e na Nicarágua durante a primeira metade do século XX, os fuzileiros navais aprenderam que, diferentemente da guerra convencional, uma guerra de pequena escala não apresenta uma área de batalha definida ou linear, nem um teatro de operações. O manual afirma que a demora no uso da força pode ser interpretado como fraqueza, mas o uso da força bruta tampouco é apropriado: "Em guerras de pequena escala, a tolerância, simpatia e bondade devem ser princípios de nosso relacionamento com a maior parte da população."[13]

O manual incentiva as forças dos EUA a empregarem o maior número de tropas nativas o mais cedo possível para restaurar a lei e a ordem e para salientar a importância de enfocar o desenvolvimento social, econômico e político do povo, mais que sobre a destruição material. O manual também salienta a importância do patrulhamento agressivo, da segurança da população e de negar refúgio aos insurgentes. O princípio abrangente é o de não combater guerras de pequena escala com métodos de guerras principais. O objetivo é obter resultados com a menor aplicação possível de força e uma perda mínima de baixas civis (não combatentes).

Lições do Vietnã

Quando a maioria dos americanos reflete sobre o Vietnã, provavelmente lembra do General William C. Westmoreland, da americanização da guerra, das missões de grande escala de busca e destruição e das batalhas de atrito. Houve, porém, outra guerra, uma de contra-insurreição e pacificação, na qual muitas Forças Especiais, fuzileiros navais e outros conselheiros empregaram métodos de guerras de pequena escala com certo grau de sucesso.

Quando o General Creighton Abrams se tornou comandante do Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã (*U.S. Military Assitance Command, Vietnam — MACV*) em 1968, ele pôs fim ao modelo de duas guerras adotando um enfoque de guerra única de pacificação, embora já fosse tarde demais para recuperar o apoio político para a guerra, desperdiçado durante os anos com Westmoreland. Todavia, a estratégia unificada de Abrams de desimpedir e manter os distritos rurais,

National Archives

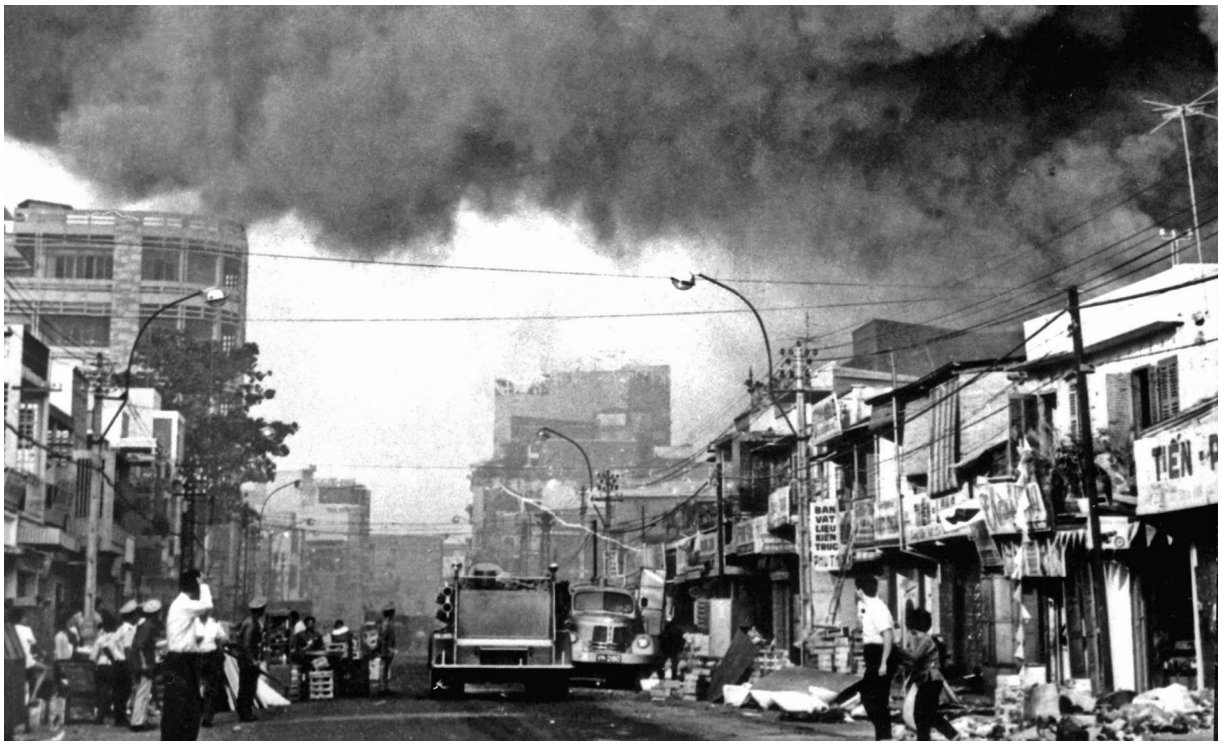
Grupos de índios americanos do Sudoeste. Foto tirada nos fins do século XIX.

por meio de pacificar e proteger a população teve muito sucesso. Abrams baseou o seu modelo em um programa denominado *A Program for the Pacification and Long-Term Development of South Vietnam* (Um Programa para a Pacificação e Desenvolvimento a Longo Prazo do Vietnã do Sul), um estudo preparado pelo Estado-Maior do Exército, em 1966.[14] As experiências das Forças Especiais em organizar as Equipes Irregulares de Civis para a Defesa (*Civilian Irregular Defense Groups — CIDG*); o Programa de Ação Combinada (*Combined Action Program — CAP*); e a expansão de Abrams do esforço de pacificação conhecido como o Operações Civis de Apoio e Desenvolvimento Revolucionário (mais tarde Rural) e Operações Civis (*Civil Operations and Revolutionary Development and Support — CORDS*), ofereceram valiosas lições para as operações de contra-insurreição atuais e futuras.

Durante grande parte da Guerra do Vietnã, a 5ª Equipe de Forças Especiais (*5th SF Group*) treinou e liderou forças de ataque móveis de *CIDG* e companhias de reconhecimento operadas por tribos da minoria étnica local das regiões fronteiriças e montanhosas. Essas forças conduziram patrulhas de reconhecimento com pequenas unidades e defenderam as suas bases locais nas áreas fronteiriças de ataques dos *vietcong* e de unidades do Exército Regular do Vietnã do Norte (*North Vietnamese Army — NVA*).

De 1966 a 1967, os comandantes de campanha dos EUA aumentaram o emprego de unidades lideradas por Forças Especiais em missões de reconhecimento de longa distância ou como elementos de segurança de economia da força para unidades regulares. Outras forças do tipo das *CIDG*, chamadas forças de guerrilha móveis, atacavam áreas de bases inimigas e empregavam táticas de golpe-de-mão da guerrilha contra unidades inimigas regulares. As Forças Especiais também recrutaram extensivamente entre as tribos *Nung* para as unidades *Delta, Sigma* e *Omega*, lideradas pelas Forças Especiais como forças de reconhecimento e reação.

O programa das Equipes Irregulares de Civis para a Defesa (*CIDG*) fez uma contribuição importante ao esforço da guerra. Os aproximadamente 2.500 soldados designados à 5ª Equipe de Forças Especiais essencialmente criaram e lideraram um exército de 50.000 combatentes tribais para operarem em alguns dos terrenos mais acidentados e perigosos do Vietnã. Patrulhas de *CIDG* em áreas fronteiriças de infiltração proveram boa inteligência tática e deram proteção a populações em áreas que potencialmente poderiam ter caído sob o controle inimigo.[15] O Programa de Ação Combinada do Corpo de Fuzileiros Navais foi outra iniciativa que significativamente melhorou a capacidade militar dos EUA para proteger a população e adquirir melhor inteligência tática. Sob este programa, um grupo de combate dos fuzileiros navais apoiou um pelotão de forças nativas locais. Este pelotão combinado de fuzileiros navais e nativos treinou, patrulhou, defendeu e conviveu no vilarejo do pelotão.



Departamento de Defesa

Viaturas do Corpo de Bombeiros de deslocam para a área coberta de fumaça na capital, após os ataques dos Viet Congs durante o feriado do Tet.

As missões do Programa de Ação Combinada eram:

• destruir a infra-estrutura do *vietcong* dentro da área de responsabilidade do vilarejo;

• prover a segurança pública e apoio para manter a lei e a ordem;

• proteger a infra-estrutura amiga;

• proteger bases e comunicações dentro dos vilarejos.

• organizar redes de inteligência locais; e

• participar em ações cívicas e conduzir propaganda contra os *vietcong*.

A ação cívica teve um papel importante nos esforços para destruir os *vietcong* porque trouxe importantes informações da população local sobre atividades inimigas. Porque o Programa de Ação Combinada protegia os moradores de atos de represália, era ideal para obter informações dos mesmos. O enfoque dos fuzileiros navais em pacificar áreas altamente populosas impedia a guerrilha de exercer coerção sobre a população local para obter arroz, inteligência e refúgio. Desta maneira, os fuzileiros navais podiam desimpedir e oferecer segurança a um vilarejo, expandindo depois a área de segurança.

As unidades do Programa de Ação Combinada foram responsáveis pela morte de 7,6% dos inimigos embora sendo apenas 1,5% dos fuzileiros navais no Vietnã. Elas empregaram tropas e liderança dos EUA em uma economia de força enquanto maximizaram o uso das tropas nativas da região. Um modesto investimento de forças dos EUA no nível dos vilarejos produziu significativas melhoras na segurança e inteligência locais.[16]

Mesmo que as Operações Civis de Apoio e Desenvolimiento Revolucionário (*CORDS*) tenham sido integradas sob o Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã em 1967, Abrams e William Colby, diretores do *CORDS*, expandiram o programa e investiram nele boas pessoas e recursos. Sob o modelo de uma guerra-única para o Vietnã, o *CORDS* proveu a supervisão do esforço de pacificação. Depois de 1968, Abrams e Colby tornaram o *CORDS* e a pacificação o esforço principal. Um programa rejuvenescido de desenvolvimento civil e rural proveu maior apoio, mais conselheiros e mais fundos para as forças territoriais e de polícia (forças regionais e populares). A nova ênfase sobre o desenvolvimento rural permitiu aos conselheiros militares e civis da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional trabalharem melhor com seus correspondentes do Vietnã, nos níveis de vilarejos e províncias, para melhorar a segurança local e desenvolver a infra-estrutura.

Eliminar a infra-estrutura dos *vietcong* era crítico para a pacificação. O método de Colby — a Campanha Acelerada para a Pacificação — incluiu o programa *Phoenix* (*Phuong Hoang)* para neutralizar essa infra-estrutura. Embora o programa tivesse recebido alguma reação negativa, o seu uso de unidades de ex-*vietcong* e de unidades nativas de reconhecimento provisórias para descobrir a rede secreta do inimigo foi bem eficiente. A Campanha Acelerada para a Pacificação das Operações

Departamento de Defesa

O 6º Regimento do Corpo de Fuzileiros Navais protege a zona de pouso de um helicóptero UH-60 *durante a evacuação médica de feridos após um encontro com insurretos. Afeganistão, 25 de junho de 2004.*

Civis de Apoio e Desenvolvimento Revolucionário (*CORDS*) focou sobre a segurança territorial, a neutralização da infra-estrutura *vietcong* e o apoio à autodefesa e ao autogoverno no nível local.[17]

Começando em novembro de 1968, a Campanha Acelerada para a Pacificação ajudou o governo do Vietnã a controlar a maior parte das áreas rurais já ao final de 1970. A "outra guerra", a de pacificação, havia sido praticamente ganha. Os quatro milhões de membros da Força de Auto-defesa do Povo (*People's Self-Defense Force*), armados com umas 600.000 armas, foram exemplos do compromisso da população para com o governo do Vietnã. Forças regionais e populares também se beneficiaram de melhoras significantes. Sob o *CORDS,* estas forças proveram uma segurança aproximada para a população rural. Embora imperfeito e quantitativo, o Sistema de Avaliação do Vilarejo (*Hamlet Evaluation System*) do Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã (*MACV*) mostrou que, entre 1969 e 1970, os esforços do *CORDS* contribuíram para a pacificação de 2.600 vilarejos (três milhões de pessoas).

Outros resultados mais práticos do sucesso da Campanha Acelerada para a Pacificação foram a redução da extorsão, de recrutamentos e da retirada de provisões dos vilarejos no Vietnã do Sul pelos *vietcong*. Porém, para sermos justos, outros fatores também contribuíram ao controle das áreas rurais por parte do governo do Vietnã. A Ofensiva *Tet* em janeiro de 1963 e a "Mini-Tet" em maio de 1968, resultaram em perdas devastadoras para as forças do *vietcong* no sul, permitindo ao *MACV/CORDS* intensificar a pacificação. Outrossim, os métodos brutais do inimigo (incluindo assassinatos em massa em Hue), durante o *Tet* chocaram a população civil do Vietnã do Sul predispondo-a aceitar um alistamento militar mais agressivo. A morte de Ho Chi Minh em setembro de 1969 pode também ter tido um efeito sobre a qualidade e direção da liderança do Exército Regular do Vietnã do Norte (*NVA*)[18].

As Equipes Irregulares de Civis para a Defesa (*CIDG*), o Programa de Ação Combinada (*CAP*) e o Apoio e Desenvolvimento Revolucionário e Operações Civis (*CORDS*) expandiram a qualidade e quantidade das forças disponíveis para conduzir a contra-insurreição, melhoraram o patrulhamento de pequenas unidades e, conseqüentemente, melhoraram o conteúdo, escopo e qualidade da inteligência. Só seria possível especular sobre o percurso da guerra se o *CAP* e o *CIDG* tivessem sido integrados sob o *MACV* e o *CORDS* em 1964, com Abrams e Colby na liderança. As lições destes programas são relevantes hoje em dia. Aprimorar a quantidade e as capacidades das forças nativas; estabelecer um modelo integrado e unificado civil-militar; e aumentar a segurança

da população continuam a ser objetivos centrais no Afeganistão e no Iraque.[19]

No entanto, estes programas da era do Vietnã não foram sem falhas. Dois problemas persistentes interferiam com o programa do *CIDG*. A hostilidade entre os sul-vietnamitas e os grupos de minorias étnicas das forças de ataque do *CIDG* impedia os esforços dos EUA para permitir às Forças Especiais da República do Vietnã encabeçar o programa.

Como resultado, a 5ª Equipe de Forças Especiais não pôde desenvolver uma organização eficaz em contrapartida.

Até mesmo os Programas de Ação Combinada dos fuzileiros navais não foram completamente eficientes. Em alguns momentos os seus efeitos eram, nas melhores das circunstâncias, transitórios, porque os moradores se tornaram dependentes deles pela sua segurança. Em outros casos, especialmente antes que Abrams enfatizasse o treinamento de forças populares, o pobre treinamento e equipamento os deixavam incapazes de defender os seus vilarejos sem os fuzileiros navais. Além disso, até 1967, o *CORDS* não era integrado sob o *MACV*, o que afetava seriamente qualquer perspectiva de obter uma unidade de esforço e propósito. A influência de Abrams resolveu isso ao permitir que o *MACV* supervisionasse o *CORDS,* assim como as formações militares regulares.[20]

Evitar a Derrota

Hoje, o Exército está combatendo três contra-insurreições e aprendendo a adaptar a insurreição e a contra-insurreição. Este é um motivo genuinamente forte para expandir a profundidade e o escopo do conhecimento do Exército sobre operações de contra-insurreição. Os militares dos EUA, e principalmente os do Exército, devem desenvolver uma cultura que enfatize operações de estabilidade e contra-insurreição entre suas missões principais.

A guerra global contra a pulga será longa, mas terá sucesso. A lei, a democracia e a civilização prevalecerão sobre o caos, a teocracia e o barbarismo. Como disse Mão Tse Tung: "Embora as operações de guerrilha sejam a armadilha cósmica da estratégia militar, o barro e areia movediça na qual a máquina da superioridade tecnológica militar é freada pela futilidade do tempo desperdiçado, elas não podem, por si próprias, vencer guerras. Como o barro, elas podem postergar a derrota, mas, como o barro, elas não podem obter a vitória."[21] ***MR***

Referências

1. Robert Taber, "The War of the Flea: Guerrilla Warfare in Theory and Practice" (Nova York: Lyle Stuart, Inc., 1965), pp. 27-28.
2. Veja Robert M. Cassidy, "Prophets or Praetorians: The Uptonian Paradox and the Powell Corollary," Parameters (outono de 2003): pp. 132-33.
3. Para uma pequena discussão sobre a cultura militar e preferências de guerra principal, veja Cassidy, "Russia in Afghanistan and Chechnya: Military Strategic Culture and the Paradoxes of Asymmetric Conflict" (Carlisle, PA: U.S. Army Strategic Studies Institute, 2003), p. 8, pp. 54-60.
4. Sam C. Sarkesian, "America's Forgotten Wars: The Counterrevolutionary Past and Lessons for the Future" (Westport, CT: Greenwood Press, 1984), p. 245.
5. Andrew J. Birtle, "U.S. Army Counterinsurgency and Contingency Operations Doctrine 1860-1941" (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 1988), pp. 55-92; Capitão Randolph B. Marcy, "The Prairie Traveler: A Handbook in Overland Expeditions" (Bedford, MA: Applewood Books, janeiro de 1988).
6. Birtle, pp. 64-65.
7. Anthony James Joes, "America and Guerrilla Warfare" (Lexington: University Press of Kentucky, 2000), pp. 120-23.
8. Max Boot, "Savage Wars of Peace: Small Wars and the Rise of American Power" (New York: Basic Books, 2003), p. 126.
9. Sarkesian, pp.178-180.
10. *Ibid.*
11. *Ibid.*
12. *U.S. Marine Corps — USMC*), "Small Wars Manual" (Washington, DC: Government Printing Office, 1940), 1-1-1-31; *USMC Combat Development Command, Small Wars* (Quantico, Virgínia: U.S. Marines Corps, esboço em 2004), iii-iv; Boot, "A Century of Small Wars Shows They Can Be Won," revista New York Times Week in Review, 6 de julio de 2003.
13. *Ibid.*
14. U.S. Department of the Army, "A Program for the Pacification and Long-Term Development of South Vietnam" (Washington, DC: U.S. Department of Defense, 1966), pp. 1-9; Lewis Sorley, "A Better War" (New York: Harcourt Brace and Company, 1999), pp. 10-125.
15. Jeffrey J. Clarke, "Advice and Support: The Final Years" (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 1988), pp. 196-207.
16. Frank Pelli, "Insurgency, Counterinsurgency, and the Marines in Vietnam," documento não publicado, *USMC Command and Staff College*, Quantico, Virgínia, 1990, pp. 13-16; Brooks R. Brewington, "Combined Action Platoons: A Strategy for Peace Enforcement," documento não publicado, *USMC Command and Staff College,* Quantico, Virgínia, 1996, pp. 13-19.
17. Sorley, pp. 22-23, pp. 64-67.
18. *Ibid.*, pp. 64-67, pp. 72-73, e pp. 217-24.
19. *Ibid.*, p. 1.
20. Clarke, p. 207; Keith F. Kopets, "The Combined Action Program: Vietnam," *Military Review* (julio-agosto de 2002): pp. 78-79.
21. Mao Tse-Tung, citado em E.L. Katzenbach, Jr., "Time, Space, and Will: The Political-Military Views of Mao Tse-Tung" e em "The Guerrilla and How to Fight Him", editor. T.N. Greene (Nova York: Praeger, 1962), p. 17.

*O Tenente-Coronel Robert M. Cassidy, é membro do Grupo de Iniciativas do Comandante Geral do Exercito dos EUA na Europa (*U.S. Army Europe Commanding General's Initiatives Group*),em Heidelberg, Alemanha. É Bacharel pela* Fitchburg State College, *e Mestre pela* Boston University*, e também Mestre em Artes de Lei e Diplomacia e Ph.D. pela* Fletcher School of Law and Diplomacy. *Serviu em varias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA e na Alemanha. O seu artigo "O Renascimento do Helicóptero de Ataque no Combate Aproximado" foi publicado na edição do segundo trimestre de 2004 da* Military Review.